

**TODA CABEÇA
DE IRMÃO**

JULIA RAIZ
TODA CABEÇA
DE IRMÃO

© **Julia Raiz, 2025**

COORDENAÇÃO EDITORIAL Bárbara Tanaka e Guilherme Conde M. Pereira

ASSISTENTE EDITORIAL Juliana Sehn

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Manoela Haas

PREPARAÇÃO DE TEXTO Bárbara Tanaka

REVISÃO Juliana Sehn

COMUNICAÇÃO Hiago Rizzi

PRODUÇÃO Letícia Delgado e Raul K. Souza

CAPA Manoela Haas

sobre *Acidentes são reais*, fotografia analógica com intervenções, 15 × 21 cm,
Luana Navarro, 2012

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

R161t Raiz, Julia
Toda cabeça de irmão / Julia Raiz. – 1. ed. – Curitiba, PR:
Telaranha, 2025.

112 p.

ISBN 978-65-85830-32-4

1. Ficção brasileira I. Título.

CDD: 869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

Henrique Ramos Baldisserotto – Bibliotecário – CRB 10/2737

*Que tenha reflexos e que não dure muito.
A umidade favorece as duas coisas.*

NUNO RAMOS

Direitos reservados à

TELARANHA EDIÇÕES

Rua Ébano Pereira, 269 – Centro

Curitiba/PR – 80410-240

(41) 3220-7365 | contato@telaranha.com.br

www.telaranha.com.br

Impresso no Brasil

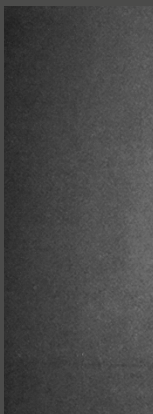
Feito o depósito legal

1ª edição

Julho de 2025

RASPARAM A CABEÇA DELE	, 11
MOTEL	, 17
SÃO SEBASTIÃO	, 27
KATITA	, 33
GRANDE PÁSSARO PRETO	, 41
MANSÃO DE PEDRA	, 47
SUSPIROS	, 53
GARÇAS	, 61
CORUJA	, 69
FEBRE	, 79
NINHO	, 87
TERRA PRETA HOTEL	, 93
TODA CABEÇA DE IRMÃO	, 101

PARTE



I

RASPARAM A CABEÇA DELE

A PRIMEIRA VEZ QUE MEU IRMÃO DESAPARECEU EU TINHA DOZE ANOS. Fiquei aliviada no começo. Era dezembro e talvez a gente pudesse ter um Natal normal. Meu padrasto imigrante iria se trancar no quarto e chorar com saudades de casa como ele fazia todos os anos. Minha mãe, o caçula e eu poderíamos comer, cantar as músicas da época e abrir os presentes colocados debaixo do galho que a gente buscava no quintal. Mas, depois do Natal, já era maio e meu irmão ainda não tinha aparecido. Em maio, acontecia a festa do santo padroeiro da cidade onde a gente cresceu, Ibiúna.

Na festa do santo padroeiro, a vizinha e eu fomos pra rua com as barrigas de fora, tentando arranjar alguém que nos pagasse batidas de vinho com leite condensado. Eu tentava não ser obrigada a beijar na boca. A vizinha queria engravidar e ser mãe. Todos os dias, ela almoçava miojo e um copo de leite com achocolatado, tirava fotos eróticas com a webcam e queria ser mãe. “Mamãe”, ela queria que uma criança pequena a chamasse assim. Acreditava que ser indispensável pra sobrevivência de alguém tão indefeso compensaria todas as coisas ruins que tinham acontecido com ela.

A vizinha e eu virávamos a esquina da praça da prefeitura, quando ouvimos os gritos. Estavam espancando uma pessoa caída no chão. Congelamos o passo. Um homem dava chutes na cabeça do rapaz caído, enquanto outro acertava sua barriga. O rapaz que apanhava era o meu irmão. Feito um enfeite de estante, caí da altura e me espatifei no chão. Com a cara colada no asfalto, a vizinha chorando em cima de mim, consegui olhar direito pro rosto do rapaz caído e vi que eu tinha me enganado. Não era o meu irmão.

A vizinha correu até o posto de gasolina, chamou o frentista. Ele deu um assobio tão alto com os dois dedos enfiados na boca que aqueles homens saíram correndo. O moço continuou caído, a cabeça grudada nos joelhos. Eu observei seu peito subir e descer com dificuldade. Apesar de não ser meu irmão, ali na hora

ele era. As pessoas que carregavam o santo em procissão se aproximavam cada vez mais da praça onde estávamos. O santo estava embrulhado em um pano cor de sangue, só com a cabeça pra fora. Todos repetiam alto a ladainha e tocavam uns nos outros como se fossem todos irmãos. Me levantei, chorando de raiva, não fui falar com o rapaz caído, é impossível todos serem irmãos, é impossível viver em um mundo onde os nossos irmãos são chutados várias vezes na cabeça.

Dias depois da festa do santo, eu estava assistindo à televisão quando percebi uma sombra passar pela janela. Alguém bateu na porta e eu nem tinha escutado o cadeado do portão se movendo. Quando abri, era meu irmão. Reparei na sua calça com terra, ele tirou o capuz e tinham raspado a cabeça dele na zero. Me contou que estava trabalhando em uma construção. Meu irmão poderia ter sido artista, ele cantava e desenhava muito bem, ele poderia ter sido o que quisesse, ele poderia ter sido saudável, mas quem disse que saúde é algo que está ao alcance, basta querer? Meu irmão, no dia que voltou, me pediu comida, bastante comida. A mãe sempre elogiou ele raspar o prato em toda refeição, deixava o prato limpo e comia muita salada. Naquele dia, ele devorou um balde de comida. Eu fui até o quintal e peguei um balde mesmo para deixar ali do lado da mesa. Eu tinha certeza que o corpo dele não ia dar conta de absorver tudo

aquilo, que ele ia precisar botar pra fora o que estava botando pra dentro.

Hoje, sentada na cama deste quarto de motel, não consigo me lembrar do rosto do meu irmão comendo, por mais que eu me olhe no espelho. Eu me esforço pra formar uma imagem do seu rosto, mas não consigo. O que eu consigo é, como no dia do santo, enxergar no corpo de outras pessoas o rosto do meu irmão. Enxergar o seu rosto no chão sendo chutado por dois homens adultos. Enxergar o seu rosto com o corpo de São Sebastião, o santo padroeiro, flechado por seus inimigos do Império, sangrando, abandonado pra ser comido pelas aves de rapina. Só consigo me lembrar do meu irmão assim, misturado. Nosso vínculo embaça os rostos desta história.